



MÁRIO LAGO

O monstrinho Medonhento

ILUSTRAÇÕES: Daniel Kondo

PROJETO DE LEITURA

Maria José Nóbrega
Rosane Pamplona

De Leitores e Asas

MARIA JOSÉ NÓBREGA

*“Andorinha no coqueiro,
Sabiá na beira-mar,
Andorinha vai e volta,
Meu amor não quer voltar.”*

[]

Numa primeira dimensão, ler pode ser entendido como decifrar o escrito, isto é, compreender o que letras e outros sinais gráficos representam. Sem dúvida, boa parte das atividades que são realizadas com as crianças nas séries iniciais do Ensino Fundamental têm como finalidade desenvolver essa capacidade.

Ingenuamente, muitos pensam que, uma vez que a criança tenha fluência para decifrar os sinais da escrita, pode ler sozinha, pois os sentidos estariam lá, no texto, bastando colhê-los.

Por essa concepção, qualquer um que soubesse ler e conhecesse o que as palavras significam estaria apto a dizer em que lugar estão a andorinha e o sabiá; qual dos dois pássaros vai e volta e quem não quer voltar. Mas será que a resposta a estas questões bastaria para assegurar que a trova foi compreendida? Certamente não. A compreensão vai depender, também, e muito, do que o leitor já souber sobre pássaros e amores.

Isso porque muitos dos sentidos que apreendemos ao ler derivam de complexas operações cognitivas para produzir inferências. Lemos o que está nos intervalos entre as palavras, nas entrelinhas, lemos, portanto, o que não está escrito. É como se o texto apresentasse lacunas que deveriam ser preenchidas pelo trabalho do leitor.

Se retornarmos à trova acima, descobriremos um “eu” que associa pássaros à pessoa amada. Ele sabe o lugar em que está a andorinha e o sabiá; observa que as andorinhas migram, “vão e voltam”, mas diferentemente destas, seu amor foi e não voltou.

Apesar de não estar explícita, percebemos a comparação entre a andorinha e a pessoa amada: ambas partiram em um dado momento. Apesar de também não estar explícita, percebemos a oposição entre elas: a andorinha retorna, mas a pessoa amada “não quer voltar”. Se todos estes elementos que podem ser deduzidos pelo trabalho do leitor estivessem explícitos, o texto ficaria mais ou menos assim:

*Sei que a andorinha está no coqueiro,
e que o sabiá está na beira-mar.
Observo que a andorinha vai e volta,
mas não sei onde está meu amor que partiu e não quer voltar.*

O assunto da trova é o relacionamento amoroso, a dor-de-cotovelo pelo abandono e, dependendo da experiência prévia que tivermos a respeito do assunto, quer seja esta vivida pessoalmente ou “vivida” através da ficção, diferentes emoções podem ser ativadas: alívio por estarmos próximos de quem amamos, cumplicidade por estarmos distantes de quem amamos, decepção por não acreditarmos mais no amor, esperança de encontrar alguém diferente...

Quem produz ou lê um texto o faz a partir de um certo lugar, como diz Leonardo Boff*, a partir de onde estão seus pés e do que vêem seus olhos. Os horizontes de quem escreve e os de quem lê podem estar mais ou menos próximos. Os horizontes de um leitor e de outro podem estar mais ou menos próximos. As leituras produzem interpretações que produzem avaliações que revelam posições: pode-se ou não concordar com o quadro de valores sustentados ou sugeridos pelo texto.

Se refletirmos a respeito do último verso “*meu amor não quer voltar*”, podemos indagar, legitimamente, sem nenhuma esperança de encontrar a resposta no texto: por que ele ou ela não “quer” voltar? Repare que não é “*não pode*” que está escrito, é “*não quer*”, isto quer dizer que poderia, mas não quer voltar. O que teria provocado a separação? O amor acabou. Apaixonou-se por outra ou outro? Outros projetos de vida foram mais fortes que o amor: os estudos, a carreira, etc. O “eu” é muito possessivo e gosta de controlar os passos dele ou dela, como controla os da andorinha e do sabiá?

* “Cada um lê com os olhos que tem. E interpreta a partir de onde os pés pisam.” *A águia e a galinha: uma metáfora da condição humana* (37ª edição, 2001), Leonardo Boff, Editora Vozes, Petrópolis.

Quem é esse que se diz “eu”? Se imaginarmos um “eu” masculino, por exemplo, poderíamos, num tom machista, sustentar que mulher tem de ser mesmo conduzida com rédea curta, porque senão voa; num tom mais feminista, poderíamos dizer que a mulher fez muito bem em abandonar alguém tão controlador. Está instalada a polêmica das muitas vozes que circulam nas práticas sociais...

Se levamos alguns anos para aprender a decifrar o escrito com autonomia, ler na dimensão que descrevemos é uma aprendizagem que não se esgota nunca, pois para alguns textos seremos sempre leitores iniciantes.

[]

DESCRIÇÃO DO PROJETO DE LEITURA

— UM POUCO SOBRE O AUTOR

Contextualiza-se o autor e sua obra no panorama da literatura para crianças.

— RESENHA

Apresentamos uma síntese da obra para permitir que o professor, antecipando a temática, o enredo e seu desenvolvimento, possa considerar a pertinência da obra levando em conta as necessidades e possibilidades de seus alunos.

— COMENTÁRIOS SOBRE A OBRA

Procuramos evidenciar outros aspectos que vão além da trama narrativa: os temas e a perspectiva com que são abordados, certos recursos expressivos usados pelo autor. A partir deles, o professor poderá identificar que conteúdos das diferentes áreas do conhecimento poderão ser explorados, que temas poderão ser discutidos, que recursos lingüísticos poderão ser explorados para ampliar a competência leitora e escritora do aluno.

— PROPOSTAS DE ATIVIDADES

a) antes da leitura

Ao ler, mobilizamos nossas experiências para compreendermos o texto e apreciarmos os recursos estilísticos utilizados pelo autor. Folheando o livro, numa rápida leitura preliminar, podemos antecipar muito a respeito do desenvolvimento da história.

As atividades propostas favorecem a ativação dos conhecimentos prévios necessários à compreensão do texto.

- Explicitação dos conhecimentos prévios necessários para que os alunos compreendam o texto.
- Antecipação de conteúdos do texto a partir da observação de indicadores como título (orientar a leitura de títulos e subtítulos), ilustração (folhear o livro para identificar a localização, os personagens, o conflito).
- Explicitação dos conteúdos que esperam encontrar na obra levando em conta os aspectos observados (estimular os alunos a compartilharem o que forem observando).

b) durante a leitura

São apresentados alguns objetivos orientadores para a leitura, focalizando aspectos que auxiliem a construção dos significados do texto pelo leitor.

- Leitura global do texto.
- Caracterização da estrutura do texto.
- Identificação das articulações temporais e lógicas responsáveis pela coesão textual.

c) depois da leitura

Propõem-se uma série de atividades para permitir uma melhor compreensão da obra, aprofundar o estudo e a reflexão a respeito de conteúdos das diversas áreas curriculares, bem como debater temas que permitam a inserção do aluno nas questões contemporâneas.

- Compreensão global do texto a partir da reprodução oral ou escrita do texto lido ou de respostas a questões formuladas pelo professor em situação de leitura compartilhada.
- Apreciação dos recursos expressivos mobilizados na obra.
- Identificação dos pontos de vista sustentados pelo autor.
- Explicitação das opiniões pessoais frente a questões polêmicas.
- Ampliação do trabalho para a pesquisa de informações complementares numa dimensão interdisciplinar ou para a produção de outros textos ou, ainda, para produções criativas que contemplem outras linguagens artísticas.

— LEIA MAIS...

- do mesmo autor
- sobre o mesmo assunto
- sobre o mesmo gênero



O monstrinho Medonhento

MÁRIO LAGO



UM POUCO SOBRE O AUTOR

Mário Lago nasceu no Rio de Janeiro, em novembro de 1911. Aos 15 anos, já publicava seu primeiro poema na imprensa carioca. Formou-se advogado, mas praticamente não exerceu a profissão, preferindo escrever para teatro de revista, atuar como ator, radialista, poeta, compositor e ativista político.

Como compositor, são dele sucessos como *Nada além*, em parceria com Custódio Mesquita; *Ai que saudade da Amélia* e *Atire a primeira pedra*, ambas com Ataulfo Alves, e a marcha carnavalesca *Aurora*, em parceria com Roberto Roberti, famosa na interpretação de Carmen Miranda.

Radialista, sua carreira profissional foi sempre marcada por forte atuação política, o que veio a prejudicá-lo quando se instalou o regime militar em 1964. Sua carreira na Rádio Nacional do Rio de Janeiro foi encerrada e ele esteve preso. Seu retorno deu-se tempos depois, pela televisão, consagrando-se como autêntico astro no elenco de telenovelas da Rede Globo, tendo participado de novelas como *Casarão*, *Pecado capital* e *Brilhante*.

Mário Lago faleceu em 30 de maio de 2002, no Rio de Janeiro.



RESENHA

A Cidade dos Homens está em pânico, pois um novo monstro está para nascer na Monstrolândia. Entretanto, no Palácio dos Horrores tudo é festa: o primogênito do manda-chuva Monstro Terrível é aguardado com muita expectativa. O monstrinho Medonhento nasce, mas, para espanto do pai, sorri e pede licença. Em vão, Monstro Terrível tenta mostrar ao filho que tudo o que é humano é ruim e deve ser destruído. Medonhento acaba entrando em contato com os homens e gosta do que vê. Expulso, então, da Monstrolândia, vai para a Cidade dos Homens, onde também é repudiado. Mas, graças a seus bons sentimentos, acaba se transformando em menino. Batizado de Alfredo, o novo menino se mostra amigo de todos, prestativo e inteligente. Um dia, resolve passar um ano na cidade grande. Quando volta, parece estranho: só quer ficar na floresta, junto às árvores e riachos. Os adultos não o compreendem, mas as crianças o acompanham e explicam que Alfredo aprendeu que a cidade grande destruiu as florestas em nome do progresso. Todos então se juntam e se empenham em plantar árvores para ajudar a natureza.



COMENTÁRIOS SOBRE A OBRA

A história do monstrinho é constituída por duas partes bem distintas. A primeira conta a vida de Medonhento como monstro — e o embate entre o bem e o mal, o monstruoso e o humano; a segunda fala da vida do monstrinho transformado em menino, com a questão do conflito entre progresso e destruição da natureza. Isso é o que nos conta Mário Lago, por meio de situações engraçadas, com uma linguagem rica e bem-humorada. Assim, a obra pode favorecer, além de uma leitura descompromissada e divertida, amplas discussões sobre aspectos fundamentais do íntimo do ser humano e os problemas do mundo atual.

Áreas envolvidas: Língua Portuguesa, Ciências, Geografia, Educação Artística

Temas transversais: Ética, Pluralidade cultural, Meio ambiente

Público-alvo: leitor fluente



PROPOSTAS DE ATIVIDADES

Antes da leitura:

1. Apresente aos alunos o livro que vão ler. Peça que levantem hipóteses sobre a história, relacionando o título com a ilustração da capa criada por Daniel Kondo.
2. Leiam juntos a dedicatória. A que será que o autor se refere quando diz “amor e preocupação”? E “na esperança de que entendam”? Entendam o quê? Peça suposições. Anote aquelas que a classe julgar mais prováveis.
3. Leiam juntos, também, o sumário. Antes, explique o significado do termo *sumário* — a soma, o que resume. Depois, colha algumas hipóteses sobre a narrativa, seguindo os passos do sumário.

Durante a leitura:

1. Peça que chequem quais das hipóteses levantadas se confirmam.
2. *Monstrolândia, Palácio dos Horrores, fábrica de caixões Morte Barata...* na história, muitos são os nomes que se referem ao mundo dos monstros. Peça que anotem à parte esses nomes.

Depois da leitura:

1. Verifique a compreensão da leitura por partes, encarregando alguns alunos de resumir oralmente cada um dos capítulos.
2. Releiam a dedicatória. É possível agora explicar com maior exatidão o seu significado? Peça que o façam, oralmente.
3. Nem todos os habitantes da Monstrolândia eram maus. Alguns tiveram pena de Medonhento e o ajudaram a se salvar. Também nem todos os homens eram bons. Ao verem Medonhento pela primeira vez, os meninos o agrediram sem motivo. Investigue se os alunos perceberam esses pontos de semelhança entre os dois mundos.
4. Outro ponto comum entre monstros e homens é a questão da destruição da natureza. Quais as razões dos monstros? Quais as dos homens? Verifique se os alunos entendem a relação entre destruição das florestas e rios com o progresso, retomando a frase de Alfredo: “A cidade grande é bonita, o progresso fez coisas formi

dáveis... mas os homens que fazem essas maravilhas esqueceram a natureza”.

5. Alguns danos à natureza podem ser inevitáveis; porém, alguns gestos do dia-a-dia, facilmente praticáveis, como reciclar lixo e poupar água, contribuem muito para evitar maiores danos. Discuta com a classe quais seriam esses gestos e proponha uma Semana da Consciência Ecológica, fazendo uma campanha pela escola, com cartazes e pequenas palestras preparadas pelos alunos. A ajuda do professor de Ciências pode ser valiosa.

6. Retome o levantamento feito durante a leitura sobre os nomes que se referiam ao universo dos monstros. Proponha que inventem outros convidados para a festa do nascimento de Medonhento e os batizem com nomes adequados.

7. Estenda a atividade pedindo que desenhem esses convidados. Peça que busquem inspiração na maneira como Daniel Kondo construiu o monstrinho Medonhento. Você pode propor um álbum de família — de uma família-monstro —, com legendas explicativas, apresentando cada membro com uma pequena descrição de seus hábitos, defeitos, poderes sobrenaturais etc.

8. Para o nascimento do monstrinho, armou-se “uma festança que nem dá para contar direito como é que era”. Proponha que imaginem os detalhes da festa. Que comidas e bebidas seriam servidas? Que músicas estariam de acordo com o gosto da Monstrolândia? Que presentes o homenageado ganharia? Se possível, escrevam o cardápio (ou façam alguns comes e bebes), cantem as músicas, criem os presentes com sucatas.

9. Que tal organizar uma verdadeira festa de monstro, baseando-se nessas criações dos alunos? Sugira que venham fantasiados e que decorem a sala conforme os preceitos da Monstrolândia.



LEIA MAIS...

1. DO MESMO AUTOR (para adultos)

- *16 linhas cravadas (posta restante)* — São Paulo, Publisher Brasil
- *Reminiscências do sol quadrado* — São Paulo, Cosac & Naify

2. SOBRE O MESMO ASSUNTO

- *Rosalina, a pesquisadora de homens* — Bia Hetzel, São Paulo, Editora Brinque-Book
- *Cartas do São Francisco: conversas com Rilke à beira do rio* — Nilma Gonçalves Lacerda, São Paulo, Editora Global
- *Os rios morrem de sede* — Wander Piroli, São Paulo, Editora Moderna